

06/12/2009
15

Ibama proíbe a extração e o comércio de mogno

Apenas uma empresa do Pará poderá continuar explorando madeira, em conjunto com índios

Jailton de Carvalho

• BRASÍLIA. O presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama), Hamilton Nobre Casara, assinou ontem a suspensão, por tempo indeterminado, da exploração de mogno no país. Dos 29 planos de manejo de mogno em vigor, apenas um, vinculado aos índios xicrins do Pará, poderá continuar em atividade. A extração e o comércio do mogno só poderão ser retomados se, no futuro, tiverem seus projetos de exploração da madeira aprovados pelas instituições certificadoras, compostas por empresários e ambientalistas.

Madeireiras não respeitaram exigências do Ibama

Casara decidiu suspender a exploração do mogno depois de constatar graves irregularidades em 28 planos de manejo. Segundo o presidente do Ibama, os empresários que detinham as licenças de exploração não respeitaram as exigências fixadas nos projetos aprovados pelo instituto.

Muitos destes empresários, segundo Casara, estavam usando a licença para ludibriar a fiscalização e retirar grandes quantidades de madeira de terras indígenas e de reservas ambientais. Os madeireiros estavam também poluindo rios e igarapés próximos às áreas de manejo.

— Apesar de todas as oportunidades concedidas pelo go-

verno, as pessoas que operam com o mogno estavam descumprindo as exigências legais e degradando o meio ambiente — disse Casara.

Segundo o presidente do Ibama, o único plano de manejo que está dentro das normas técnicas é o da empresa que atua em conjunto com os índios xicrins. Essa empresa está fazendo a recomposição da área devastada, conforme determina o projeto autorizado pelo governo. Por isso, poderá continuar em atividade.

Fiscais apreenderam mogno apreendido ilegalmente

As denúncias sobre os abusos das madeireiras foram feitas por entidades ambientalistas, entre elas o Greenpeace, em agosto. Desde então, fiscais do Ibama apreenderam 25 mil metros cúbicos de mogno extraídos ilegalmente. Pelas contas do governo, o lote vale, no mínimo, US\$ 500 milhões no mercado internacional.

Segundo técnicos do Ibama, o mogno é um produto mais valorizado hoje que drogas como a cocaína: o metro cúbico da madeira estaria valendo, em alguns países da Europa, cerca de US\$ 1,6 mil.

As denúncias de irregularidades irritaram madeireiros. Um deles teria feito ameaças de morte ao ambientalista Paulo Adário, um dos dirigentes do Greenpeace no Brasil. Por causa das ameaças, Adário está há dois meses sob proteção da Polícia Federal. ■